GOETHE E LUDEN: UM DIÁLOGO SOBRE A HISTÓRIA

Augustin Wernet

Em 1806, ano importante e decisivo para a evolução política da Alemanha (1), Johann Wolfgang von Goethe recebeu em sua residência, em Jena, um jovem historiador, Heinrich Luden, para um diálogo sobre o sentido e a utilidade da pesquisa e do ensino da História (2).

Goethe, representante máximo do classicismo alemão, homem do ilumismo, já era, no início do século XIX, o poeta respeitado e venerado que, por seu talento e sua personalidade, se transformara na figura central da Côrte de Weimar. Homem representativo do pensamento da burguesia alemã, elevou a literatura da Alemanha ao nível da literatura mundial.

Heinrich Luden era bem menos conhecido em 1806: um jovem Professor de História que, neste mesmo ano, tinha começado a sua carreira na Universidade de Jena. Atento leitor de Fichte, grande patriota e nacionalista, queria através do ensino e da pesquisa da História da Alemanha fomentar o espírito patriótico, para, a curto prazo, combater Napoleão e, a longo prazo, ajudar a construir uma Alemanha politicamente unificada. Para tal finalidade fundou uma revista, intitulada Nemesis, à qual Goethe recusou a sua colaboração por ser de caráter vingativo e por fomentar atitudes de hostilidade e de guerra. Nos anos seguintes, Luden será um dos professores preferidos dos estudantes "patrióticos" que fundaram em Jena, no ano de 1815, a Burschenschaft, divulgando as idéias de liberdade, patrio-

^{(1) — 1806} é o ano da derrota do exército prussiano frente às tropas de Napoleão, em Jena e Auerstedt e o fim do Sacro Império da Nação Germânica.

^{(2) —} Conforme GOETHE, Johann Wolfgang von, Tagebücher, 1775-1809. München, DTV, 1963, Gesamtausgabe Nº43, Luden se encontrou, neste ano, duas vezes com Goethe: no dia 19 de agosto e no dia 25 de agosto.



GOETHE: De certo o Senhor chegou a essa opinião porque na maior parte de suas atividades se tem dedicado à História. Se Mefistófeles estivesse presente, talvez declamasse enfaticamente os seguintes versos burlescos:

Assim já era nos meus dias, Qualquer um se ciloca mui alto, Se tu a todos perguntasses: O mais importante foi ele que fez.

Pesa muito a carga pesada, Que tu mesmo tens de carregar, Mesmo se outro geme e ofega, Para ti seu fardo é leve.

O adágio não é totalmente inverídico; e talvez por isso qualquer filósofo por exemplo considere seus próprios pensamentos como os mais certos, até seu próprio sistema como o único verdadeiro, porque só com grandes esforços os trouxe à tona, enquanto comodamente lê pensamentos alheios. Em relação à História, no entanto sou da opinião do nosso Wagner, de que não só os meios pelos quais se vai até às fontes são de difícil consecução, como também se sabe que o número das fontes às quais se deve recorrer não é pequeno. E já foi feito muito trabalho preliminar, e já se produziu muito. A maioria das fontes já foi pesquisada; o que elas continham de puro já foi tirado, somente restou água turva.

LUDEN: Mas é possível que os pesquisadores também por vezes tenham turvado a água, e que façam novas descobertas, se ela for purificada. E algumas fontes ainda não foram consultadas nem exploradas.

GOETHE: E, mesmo que o Senhor soubesse consultar e explorar todas as fontes, o que encontraria? Nada mais que uma grande verdade que há muito está descoberta, e cuja confirmação não precisa ser procurada ao longe: a verdade que em todos os tempos e em todos os países houve sofrimentos. As pessoas sempre se têm angustiado e atormentado, sempre se têm afligido e martirizado mutuamente, têm azedado o pouco de vida que lhes cabe e nem têm conseguido preservar nem gozar a douçura da existência que o belo mundo lhes oferece. Somente para poucos a vida se torna cômoda e agradável. A maioria certamente, após ter transcorrido certo tempo da vida, gostaria mais de retirar-se dela do que começar de novo. O que ainda lhes dava, ou dá, algum apego à vida era e é o temor da morte. Assim é; assim era; assim certamente continuará a ser. Isso é o destino dos homens. Por que ainda precisamos de mais testemunhos?

LUDEN: (Olhei para Goethe. Tinha um rosto bem sério. Apesar disso respondi quase rindo): Não posso crer que essa seja a opinião de Vossa Excelência. Parece-me que falou Mefistófeles. (Goethe sorriu). Se bem que muitos homens tenham vivido assim em tempos antigos e recentes, tal vida não é o destino dos homens. E o destino dos homens também não é o destino da humanidade.

GOETHE: A humanidade? Isso é uma abstração. Sempre existiram só homens, e sempre existirão homens.

LUDEN: Esta palavra designa, penso eu, o espírito dos homens tal como ele se desenvolve e se manifesta na vida inteira dos homens. E o espírito de todos os povos é a humanidade.

GOETHE: Ocorre com os homens o mesmo que com os povos. Pois os povos são constituidos por homens. Tal como os homens, começam a existir, vivem um pouco mais, de maneira igualmente estranha e também morrem ou de morte violenta ou de morte por velhice ou caducidade. Todos os sofrimentos e todas as calamidades dos homens são justamente os sofrimentos e as calamidades dos povos.

LUDEN: Mas tal como os homens deixam algo para os homens futuros, assim os povos deixam para os povos seguintes algo que não morre com eles.

GOETHE: Deixam algo. Sem dúvida. Mefistófeles diria talvez:

O que os povos deixam ao morrer, Uma pálida sombra é, Tu a vês; mas para apanhá-la, Corres em vão dia e noite.

E talvez ele acrescentasse, advertindo benevolamente

Quem quer que estenda a mão para as sombras, Sempre o vazio somente encontrará, Quem sempre acumular sombras sobre sombras, Vê-se cercado de noite sombria.

LUDEN: Quer um povo floresça ou pereça, a sombra que produz projeta-se para trás e não para a frente; recai sobre os povos antigos, e não sobre nós, os seus netos, a menos que voluntária e ingenuamente a procuremos. O que um povo nos lega, se não desaparecer sem legados, é o espírito de sua vida. Apenas devemos esforçar-nos por apreciar e utilizar convenientemente essa herança, sem nos contentarmos com o inventário. Devemos estudar a história do povo e utilizar o que ela mostra. Pois a história de um povo é a vida de um povo.



servação das obras maravilhosas do céu, nem alegrar-me com uma aplicação na terra de meus conhecimentos teóricos. E, lidando constantemente com números, letras e figuras, ocorreu-me, devo admiti-lo, o que Mefistófeles, na sua semelhança com Deus, vaticina ao aluno: apesar de toda essa verdade e certeza fiquei no meu interior bastante temeroso.

GOETHE: A história lhe dá, apesar de toda a sua incerteza, mais satisfação do que a verdade da matemática?

LUDEN: Sem dúvida. A história satisfaz ao mesmo tempo a mente e o coração, o intelecto e o sentimento, desenvolve imensamente a fantasia e estimula tanto o raciocínio como a capacidade poética. Também não saberia dizer por que uma verdade histórica seria menos verdadeira do que uma matemática.

GOETHE: Certo. Só interessa provar a verdade. Se se pudesse demonstrar a verdade histórica como a matemática, toda a diferença teria desaparecido. Enquanto não se souber fazer isso, permanecerá certamente uma diferença, não entre aquilo que realmente é verdadeiro, mas entre aquilo que é demonstrado como verdadeiro e aquilo que é suposto como verdadeiro.

LUDEN: O que realmente é história, também é realmente verdadeiro.

GOETHE: Mas nem tudo o que nos apresentam como história, realmente ocorreu. E o que realmente aconteceu, não aconteceu da maneira como é relatado, e o que aconteceu da maneira como é relatado, é somente uma pequena parte daquilo que realmente aconteceu. O Senhor sabe sem dúvida por que Sir Walter Raleigh não terminou a sua obra histórica e queimou o manuscrito?

LUDEN: Sim, Excelência. Ele fez isso conforme conta a tradição.

GOETHE: Ele mesmo o conta.

LUDEN: Isso não sabia. Pois tenho que confessar que nada li de Sir Walter. Ele então queimou o manuscrito porque tinha sido testemunha ocular de um processo que outras testemunhas oculares contavam de forma bem diferente da dele.

GOETHE: Isso já nos ocorreu também, e outrora não deve ter sido diferente.

LUDEN: Só me admiro de que Sir Walter tenha precisado de uma experiência pessoal para descobrir que pessoas diferentes concebem qualquer objeto de forma diferente. Já o antigo provérbio "Duo

cum faciunt idem" que na verdade se aplica da mesma maneira tanto à intuição e à narração como à ação, poderia ter-lhe ensinado essa grande verdade. E a leitura de vários historiadores que tratam o mesmo tema poderia ter confirmado essa descoberta. Então, penso eu, ou jamais deveria ter encetado sua obra ou então deveria tê-la terminado.

GOETHE: Sir Walter certamente já sabia o que todos nós sabemos. Mas procedeu como se não soubesse. Depois, quando aconteceu com ele e teve conhecimento das versões divergentes e deformadas, veio-lhe subitamente a idéia de que não havia verdade na história e, mal humorado, logo tomou a decisão de não mais colaborar na manutenção e divulgação de "mentiras", de não mais apresentar aos seus contemporâneos uma imagem errada e falsa do passado.

LUDEN: Mas ele deve ter tido, ao que parece, uma idéia curiosa da verdade histórica. Pois é evidente que o historiador não pode saber outra coisa dos acontecimentos e eventos do passado além do que nos foi transmitido. Ele, pesquisando honestamente e reproduzindo fielmente, está, penso eu, isento de toda fraude.

GOETHE: Mas a fraude permanece. Ele não é o autor da mentira, mas o seu divulgador; não o ladrão, mas o encobridor. A mentira somente recai sobre as testemunhas.

LUDEM: Essas testemunhas, tendo anotado sincera e fielmente o que viram ou o que chegou ao seu conhecimento, também estão isentas de mentira e fraude. Não podiam dar mais do que possuíam.

GOETHE: A mentira sempre fica; é simplesmente remetida para a própria fonte; e recebemos uma imagem falsa, distorcida, deformada e errada do passado. E na verdade seria melhor não nos ocuparmos com o passado do que possuir a seu respeito idéias erradas, e portanto, inúteis e confusas. Se o fizermos, apenas somos levados a conceber de uma forma errada o mundo em que vivemos, e a agir nele e sobre ele erradamente.

LUDEN: Se isso fosse assim, seria de fato muito ruim, mas também faria parte do destino dos homens e seríamos obrigados a suportá-lo. Porém não é assim. As divergências nas narrativas de forma alguma devem ser logo chamadas de informações erradas; pelo contrário, na maioria das vezes surgem do fato de um conceber o acontecimento de forma diferente do outro. As informações diferentes sobre os processos dentro dos quais determinados fatos ocorrem têm de ser apresentadas criticamente. O historiador tem de compará-las entre si e com os fatos; tem de analisá-las de acordo com os seus conhecimentos da situação e da natureza dos países, das relações dos povos entre si, da história anterior e posterior, das condições internas



to isso acontecer, será permitido tachar a história de errônea e considerar errôneas as suas afirmações.

LUDEN: Não há dúvida de que mesmo o historiador mais sábio mais honesto, mais sagaz e mais perspicaz pode cair em erros; de que deve até cair em erros porque também ele tem de assumir sua parte no destino geral dos homens. Na historiografia não quero a realidade nua, morta mas fiel, e sim um mundo cheio de vigor, rico em cores, que apresente os fatos indubitáveis não de modo reduzido e deformado, mas concebidos por espíritos poéticos e elaborados por mão artística.

GOETHE: Então o Senhor transforma o historiador num poeta.

LUDEN: Dado que eu próprio ainda não realizei nada em história, Excelência, seja-me permitido externar a minha opinião: não falo mais "pro domo". Realmente acredito que a história não pode ser escrita condignamente sem verdadeira "poiesis", e que ninguém pode ser historiador, no mais belo sentido da palavra, se lhe faltar o vigor criador ou poético. Pois tem de ter diante dos olhos o mundo do passado no qual ocorreram os acontecimentos que quer representar, os quais somente pode representar conforme a perspectiva desse mundo e no seu total e verdadeiro sentido. Mas esse mundo não lhe será dado gratuitamente para contemplação; ele tem de criá-lo para poder contemplá-lo.

GOETHE: Mas, mesmo admitindo isso, restaria ainda uma grande diferença entre o poeta e o historiador. O poeta cria o seu mundo livremente, de acordo com a sua própria idéia, e por isso pode representá-lo perfeita e completamente; o historiador não é livre, pois tem de construir o seu mundo de tal forma que caibam todos os fragmentos que a história nos transmitiu. Por essa razão nunca poderá fornecer uma obra perfeita, e sempre ficará visível o esforço da busca, da compilação, da emenda e da cola.

LUDEN: Quanto mais vasta for a tarefa do historiador, quanto mais difícil for o seu trabalho, tanto mais merece uma boa obra histórica agradecimentos, honra e elogios e uma menos sucedida, indulgência e respeito. Mas também não se pode esquecer que o poeta somente procura reproduzir a sua própria idéia, tão profunda e tão elevada quanto a capacidade da sua mente; o historiador porém reproduz a idéia de Deus tal como ela se tem revelado na vida dos homens.

GOETHE: Afinal, para o Senhor, o historiador está acima do poeta.

LUDEN: Isso não, Excelência. Não posso aceitar a escola em que se costumam colocar os espíritos e acredito que as suas trajetórias não passem umas abaixo das outras, mas sim paralelamente. Em todo o caso acredito que aquele que realiza algo de valor na história não precisa de ter inveja da posição de ninguém.

GOETHE: Tirando uma conclusão de suas observações sobre a pesquisa histórica e a historiografia, ela parece ser, em poucas palavras, que Fausto tem razão:

O que se chama o espírito dos tempos, No fundo é o próprio espírito dos homens No qual os tempos se refletem.

LUDEN: Com esse dito clássico não estou completamente de acordo. Mas, dando-nos um espírito, mesmo que seja o dos homens, e se nesse espírito se refletem os tempos, podemos, creio, ficar mais ou menos contentes.

GOETHE: Finalmente mais uma pergunta. O que o Senhor afinal pretende com sua história? Com todas essas verdades, falsidades e obras poéticas de História? Qual é o objetivo de seus estudos e de suas aspirações?

LUDEN: É uma pergunta difícil, Excelência, que exige uma resposta longa. Em poucas palavras, não poderia dar melhor resposta do que citando Fausto:

O que é o destino de toda a humanidade Quero conhecer no interior do meu Ego.

GOETHE: Fruir, quer o Senhor dizer.

LUDEN: Perdoe, Excelência; quero ficar com o conhecer e me contentar com aquele prazer que é o resultado do conhecer. Gostaria, em seguida, de transmitir o meu conhecimento por meio do ensino e de escritos. Devo acrescentar que só falo do meu desejo e de minha intenção. Conseguir isso depende só em parte de nós. Mas "in magnis voluisse sat est".

GOETHE: Pois é. Temos ainda assunto para muitas conversas futuras.

Este diálogo mostra apenas parcialmente a opinião de Goethe e Luden sobre a ciência histórica, sendo necessária, para uma melhor caraterização dela, a leitura de mais escritos dos dois interlocutores. Expressões de Luden como "a idéia de Deus que se revela na vida dos homens", ou a sua intenção de conhecer "o destino de toda a humanidade" ou ainda a ênfase que dá à "vida de um povo",





